

**EPISTEMOLOGIA SOCIAL E FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO:  
UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE JESSE SHERA E LUCIANO FLORIDI**

*Daniel Almeida Lima*  
*Graduado em Biblioteconomia e Documentação*  
*danell\_surf@hotmail.com*

*Henriette Ferreira Gomes*  
*Doutora em Educação*  
*Profa. Titular do ICI e PPGCI/UFBA*  
*henriettefgomes@gmail.com*

Recebido em: 09/08/2016  
Aceito em: 15/01/2017

**Resumo**

Este trabalho teve como objetivo principal a identificação e análise de pontos de convergência e divergência entre a Epistemologia Social de Jesse Shera e a Filosofia da Informação de Luciano Floridi para que futuras pesquisas aprofundem a análise, na busca de identificar possibilidades de sínteses integradoras que sustentem a expansão da fundamentação teórica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, com a adoção do método bibliográfico. Para estudo dos textos selecionados desses autores foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. Como resultados deste estudo, foram categorizados oito pontos teóricos, tendo sido identificados cinco pontos que se considerou de convergência: “Abordagem ontológica”; “Abordagem ética da informação e tecnologia”; “Dinâmica da informação”; “Visão histórica do pensamento humano” e “Semântica”. Os três pontos considerados como de divergência foram: “processo de comunicação”, “dinâmica do conhecimento” e “Biblioteconomia e Ciência da Informação, preocupadas com o conhecimento”. A partir da análise desses resultados chegou-se à conclusão de que as duas teorias trabalham com pontos que potencializam o diálogo entre ambas, sendo esse diálogo um insumo para o desenvolvimento científico da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Epistemologia Social. Filosofia da informação. Fundamentos Teóricos – Biblioteconomia – Ciência da Informação.

**1 INTRODUÇÃO**

A Epistemologia Social e a Filosofia da Informação pretendem fornecer as bases teóricas para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, assim, neste estudo buscou-se como objetivo geral a identificação e análise de possíveis pontos de convergência e divergência entre as duas teorias, com adoção do método bibliográfico e da técnica de análise de

conteúdo para o estudo dos textos selecionados de Jesse Shera e Luciano Floridi.

A Epistemologia Social é fruto do trabalho de dois bibliotecários e pesquisadores americanos, Margaret Egan e Jesse Shera, no início da década de 1950. No entanto, priorizou-se trabalhar com os textos acerca da Epistemologia Social produzidos por Shera. A principal preocupação da Epistemologia Social é

com a produção do conhecimento social, procurando refletir em torno de como a sociedade e seus agentes desenvolvem o conhecimento, compreendendo que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação estão diretamente ligadas à dimensão social do conhecimento, pois todos os procedimentos de organização e disseminação da informação, realizadas pelas bibliotecas e arquivos, são destinados à geração do conhecimento. No entanto, Floridi apresenta discordância em relação a esses atributos dados a Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Epistemologia Social, propondo uma Filosofia da Informação, que se pode considerar como resultante da própria condição intelectual de Floridi como filósofo no contexto histórico da década de 1990.

Nesse contexto, Floridi (2002) define a Filosofia da Informação como um novo campo filosófico, que visa investigação crítica acerca da natureza conceitual da informação, bem como os princípios básicos que envolvem sua própria dinâmica e utilização. Floridi (2002) assegura que o objetivo da Biblioteconomia e Ciência da Informação não seria o conhecimento em si, mas sim as fontes de informação que tornam possível o conhecimento, e segue afirmando que qualquer coisa pode ser potencialmente uma fonte para o conhecimento, apontando que o campo teórico da Biblioteconomia e Ciência da Informação deve ser considerado por outro foco, que não o vincule ao campo da Epistemologia.

A partir desse contraponto feito por Floridi, em sua Filosofia da Informação, em relação à Epistemologia de Shera, procurou-se identificar, através da análise de conteúdo das obras selecionadas desses autores, o que se denominou neste trabalho de pontos de convergência e divergência entre a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação. Considerou-se que, sendo este objetivo alcançado, poder-se-ia

contribuir para que em futuras pesquisas se torne possível a elaboração de uma síntese capaz de articular esses dois enfoques teóricos, visando a expansão da fundamentação teórica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Como resultado deste estudo, foram identificados e categorizados oito pontos teóricos, tendo sido como pontos de divergências. Entre os pontos de convergências identificados, foram categorizados como: “abordagem ontológica”, “abordagem ética da informação e tecnologia”, “dinâmica da informação”, “visão histórica do pensamento humano” e “Semântica”. Já os três pontos de divergência identificados forma categorizados como: “processo de comunicação”, “dinâmica do conhecimento” e “Biblioteconomia e Ciência da Informação preocupadas com o conhecimento”. Com base na análise desses resultados, concluiu-se que as duas teorias trabalham com pontos que potencializam o diálogo entre ambas, sendo esse diálogo um ponto de partida para a intensificação do desenvolvimento científico da Biblioteconomia e Ciência da Informação, o que pareceu motivar esses autores, observando-se suas trajetórias, propostas teóricas, em especial nos pontos identificados e analisados neste estudo.

## **2 SOBRE OS AUTORES ESTUDADOS**

A exposição breve da história de vida dos autores pode auxiliar na compreensão do contexto histórico em que cada um trabalhou, o que certamente influenciou seus enfoques, em especial por se considerar que o tempo da produção de Shera, entre as décadas de 1950 e 1980, foi bastante diferenciado do tempo de contribuição de Floridi, que se intensificou a partir da primeira década dos anos 2000.

Jesse Hauk Shera nasceu em Oxford, Ohio, em oito de dezembro de 1903, graduando-se em literatura inglesa em 1925, concluindo o mestrado em inglês na Universidade de Yale em 1927 e o

doutorado em Biblioteconomia em 1944 na Graduate Library School da Universidade de Chicago. Shera foi um exímio pesquisador, tendo publicado diversos artigos e livros, tendo, portanto, deixado uma enorme contribuição científica para as áreas da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Por sua vez, Luciano Floridi nasceu em Roma, no ano de 1964, tendo se graduado em Filosofia na Universidade de Roma La Sapienza em 1988, concluindo o mestrado em 1989, e o doutorado em 1990 nessa mesma área na Universidade de Warwick, tendo realizado o pós-doutorado em Oxford, sendo atualmente professor de Filosofia e Ética da Informação nesta mesma Universidade e Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Americana em Washington, DC.

Observando-se as datas que marcaram as vidas de Shera e Floridi, constata-se que os mesmos foram contemporâneos apenas por 18 anos, já que Shera faleceu em 1982 e Floridi nasceu em 1964. Quando na década de 1950 Shera publicou seu primeiro artigo sobre a Epistemologia Social, Floridi ainda não havia nascido. No ano em que Floridi nasceu, Shera atuava como presidente da Ohio Library Association e na década de 1970, quando Floridi era apenas uma criança, Shera se encontrava na liderança da American Library Association.

Essa distância temporal entre ambos impediu que esses autores dialogassem em vida. Entre eles, somente Floridi teve a oportunidade de analisar e tecer críticas a Epistemologia Social de Shera, que não teve a mesma condição em relação à Filosofia da Informação. Nessa perspectiva, cabe a quem estuda as duas proposições teóricas o exercício do diálogo entre ambas, o que se buscou neste estudo, iniciando-se pela análise e apresentação de cada uma delas.

### **3 APRESENTANDO A EPISTEMOLOGIA SOCIAL**

Como já fora destacado na introdução deste texto, embora a Epistemologia Social seja oriunda dos estudos de Margaret Egan e Jesse Shera, esta apenas conquista sua denominação e suas bases conceituais a partir da publicação, em 1952, do artigo *Foundations of a theory of bibliography* por Egan e Shera.

Nesse primeiro artigo, Egan e Shera fizeram uma contextualização acerca da importância da comunicação gráfica (bibliografia) para a sociedade e os seus fundamentos para a Epistemologia Social. Nesse texto, os autores apontaram a distinção entre “macrocosmic” e “microcosmic” na pesquisa de desenvolvimento bibliográfico. A primeira compreende a bibliografia como um instrumento de comunicação que contribui para a organização social e a segunda entende a bibliografia como uma ferramenta voltada a um número limitado de pessoas com necessidades muito específicas de informação, estando a produção do fluxo da informação circunscrita ao “microcosmic”, já que os pesquisadores e estudiosos acabam agindo de maneira fragmentada e sem uma conexão sistematizada e organizada. Sob esses enfoques, o objetivo da bibliografia seria o de gerar linhas de intercomunicação entre os pesquisadores em níveis nacionais e internacionais. Desse modo, na perspectiva da Epistemologia Social, a bibliografia tem como objetivo atuar na facilitação da produção do conhecimento na sociedade, contribuindo para ascensão dos pesquisadores do plano do “microcosmic” ao plano do “macrocosmic” da construção social do conhecimento, e foi neste plano que Shera e Egan (1952) pautaram as bases da Epistemologia Social.

Shera e Egan (1952) ressaltaram a importância da comunicação para desenvolvimento social que, através da

materialização da informação em um suporte físico, possibilitou a transferência e a preservação do conhecimento humano, assinalando a relevância dos registros gráficos para a viabilização e intensificação da comunicação. Dentro da comunicação existe uma série de processos que são realizados para a organização e transmissão da informação, estando subjacente à própria comunicação bibliográfica o compartilhamento do conhecimento (materializado em um suporte), que permite o acesso, contribuindo diretamente para o avanço do conhecimento e da sociedade.

Esses autores também alertaram que as pesquisas na área da comunicação estavam mais voltadas à cultura de massa e aos interesses comerciais e ideológicos dos agentes emissores. Shera e Egan destacavam que esse tipo de comunicação se distancia da comunicação bibliográfica, cujo objetivo é o fornecimento de informações precisas para o desenvolvimento do conhecimento social, sendo este tipo de comunicação realizada por bibliotecas e outras unidades de informação. Nessa distinção feita por Shera e Egan entre os dois tipos de comunicação, pode-se vislumbrar a preocupação ética da Epistemologia Social em relação ao acesso e uso da informação.

Partindo do pressuposto de que existem diferenças entre os tipos de comunicação, Shera e Egan defenderam que a comunicação gráfica deveria ter a sua própria fundamentação teórica. Os autores trataram de alguns estudos sociais e suas falhas na área da comunicação, porque entenderam como necessário o estabelecimento da distinção entre a estrutura teórica e os objetivos desses tipos de comunicação e, nessa dimensão, chamaram atenção para o fato de que os estudos anteriores sempre analisaram as bibliotecas pela ótica da prestação de serviços com objetivos de fornecimento de informação, educação, recreação, pesquisa etc., sem observarem e analisarem o papel

da comunicação gráfica em cada uma dessas funções sociais da biblioteca. (EGAN; SHERA, 1952).

Depois de realizarem toda essa contextualização acerca do papel da comunicação gráfica para o desenvolvimento social, os autores vislumbraram o caminho para a construção da Epistemologia Social. Ainda nesse primeiro artigo, Egan e Shera (1952) procuraram explicar a questão da denominação Epistemologia Social, bem como o seu alcance teórico. A origem do termo advém da própria Epistemologia, que estuda os fundamentos e o processo de validação do conhecimento humano, já que a Epistemologia Social busca o estudo dos processos por meio dos quais a sociedade como um todo gera o conhecimento, levando em conta os aspectos físicos, psicológicos e intelectuais dos indivíduos.

Em uma sociedade há sempre o estabelecimento de padrões sociais, que buscam ordenar e coordenar os indivíduos em suas ações e papéis sociais no interior das estruturas sociais. Sendo a sociedade cada vez mais complexa, o fluxo e desenvolvimento do conhecimento também são cada vez mais complexos e exponenciais, surgindo a necessidade de uma Epistemologia Social, cujo objetivo seria o da investigação dos processos intelectuais da sociedade, fundamentada em técnicas e métodos científicos. (EGAN; SHERA, 1952).

Segundo Shera (1977), a discussão acerca da natureza do conhecimento humano já foi objeto de especulação da Filosofia e da Psicologia, mas sempre na ótica dos processos intelectuais individuais. Nesse sentido, o diferencial da Epistemologia Social seria o de analisar e explicar a produção do conhecimento em sua dimensão social, procurando entender como a sociedade absorve e produz o conhecimento, sem preterir ao entendimento do papel do indivíduo nesse processo. Shera e Egan (1952) afirmaram

que, no âmbito dos fenômenos sociais, a abordagem empírica é quase predominante, mas no campo específico da comunicação gráfica, o aspecto teleológico sempre predominou. Segundo os autores, para vencer essa condição, não seria necessário estabelecer uma nova estrutura teórica e sim reexaminar as bases metodológicas da pesquisa social, a fim de se articular aos anseios emergentes da teoria da comunicação gráfica. Assim, percebe-se que, como em todo o desenvolvimento teórico, a Epistemologia Social se alicerça em uma série de estudos anteriores, porém dando uma nova perspectiva acerca da produção do conhecimento na sociedade.

A Epistemologia Social também buscou analisar as mudanças pelas quais as bibliotecas vinham passando ao longo do tempo, considerando o papel dos bibliotecários nesse contexto da produção do conhecimento. Shera (1973) afirmava que a biblioteca foi passando pelo aumento das suas dimensões e proporções físicas e também das suas atividades sociais, tornando-se uma organização cada vez mais complexa. Ao longo da história surgiram novos padrões para o controle administrativo, atividades e processos de organização, como também de atendimento dos usuários, o que fez com que o papel dos bibliotecários passasse a ser o de agentes mediadores entre o homem e o livro, entendendo-se o livro numa concepção mais abrangente, como qualquer tipo de registro gráfico. Assim, para a Epistemologia Social, a interação entre o homem e o registro gráfico é uma operação complexa que passa pelos aspectos psicológicos, filosóficos e fisiológicos; consistindo ainda numa relação pouco compreendida pelos estudos até então desenvolvidos.

Desse modo, observou-se neste estudo a preocupação da Epistemologia Social em entender a construção social do conhecimento a partir de seus diversos atores – o homem, a sociedade e as

bibliotecas, procurando compreender suas mútuas relações no processo integrado de produção do saber humano. Na fundamentação proposta pela Epistemologia Social para a Biblioteconomia, também as ciências físicas oferecem contribuições importantes, já que as estruturas complexas da cultura e suas subculturas também são integradas por homens, e são constituídas a partir de fenômenos físicos, biológicos e psicológicos. Portanto, a dimensão física se articula às dimensões sociais do homem, como elementos fundamentais para o entendimento da Epistemologia Social. (SHERA, 1973).

Essa abordagem da Epistemologia Social fez com que esta fosse retomada em estudos contemporâneos acerca da Biblioteconomia e Ciência da Informação, em especial daqueles que se concentram nos avanços das bases teóricas destas, foco que também norteou a proposta de uma Filosofia da Informação por Floridi.

#### **4 APRESENTAÇÃO DA FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO**

Em 2002, Floridi publicou o artigo intitulado *What is the philosophy of information?* Nesse texto, Floridi buscou apresentar uma nova área de estudo, voltada às pesquisas nos campos computacional e informacional, e suas relações com a Filosofia, por considerar que as questões relacionadas a estes campos estão interferindo e modificando problemas antigos da Filosofia, assim como proporcionando novas soluções a eles. Segundo Floridi dessas questões emerge um novo campo do conhecimento, que alguns chamam de “filosofia digital”, “filosofia computacional” ou “filosofia da inteligência artificial”, sendo que para Floridi (2002) a definição mais satisfatória seria “Filosofia da Informação”.

No artigo mencionado Floridi (2002) buscou apresentar as bases teóricas a partir das quais foi possível emergir a Filosofia

da Informação, analisando a questão da inteligência artificial e suas implicações na Filosofia da Informação, recorrendo a outros autores para contextualizar essa problemática. Ao citar Sloman (1978) e a outras contribuições como as do cientista Alan Turing, que vinha desde os anos de 1930 publicando trabalhos relacionados à cibernética, teoria da informação, inteligência artificial, teoria de sistemas, Ciência da Computação e teoria da complexidade, Floridi afirma que esse novo paradigma da inteligência artificial remodelaria as questões filosóficas, de modo que, em alguns anos, nenhum filósofo poderia mais explicar sobre epistemologia, estética, ética e filosofia da linguagem, sem considerar as novas indagações trazidas pela inteligência artificial.

Assim, como qualquer novo campo de investigação científica, a Filosofia da Informação encontrou desafios a sua consolidação intelectual e, ao enfrenta-los, se articulou a outros campos de estudo, como o da inteligência artificial e o da ética no uso do computador. Floridi (2002) relata os passos para o estabelecimento de um novo campo de investigação filosófica, destacando a necessidade de, inicialmente, se fazer uma interpretação explícita e clara acerca do objeto em questão. Essa interpretação apropriada é usada como atração para o interior desse novo campo, sinalizando as possibilidades de convergência, de modo que possa resistir às forças centrífugas que buscarão enquadrar esse novo campo a uma área de investigação já estabelecida. Se o novo campo passar por todas essas etapas e sobreviver, provará que pode ser organizado em subáreas, permitindo, assim, a sua especialização. (FLORIDI, 2002).

Observa-se, então, que o primeiro desafio estabelecido por Floridi para sua Filosofia da Informação foi o de enfrentar as questões teóricas intrínsecas ao processo interno que todas as novas áreas

de investigação passam até a chegada da sua maturidade epistemológica. Outro desafio da Filosofia da Informação consiste na superação da sua restrita visibilidade no âmbito acadêmico, onde têm dificuldades em conquistar espaço junto aos programas de pesquisas das universidades, que contam com fortes programas de investigação ligados a filosofia da linguagem, filosofia analítica etc., que atraem a maioria dos recursos intelectuais e financeiros, dificultando a evolução de “paradigmas” alternativos como a Filosofia da Informação. (FLORIDI, 2002).

A partir do final da década de 1980, a Filosofia da Informação começa a ser vista como uma área inovadora em termos filosóficos. Floridi (2002) elenca algumas datas importantes na história da FI que contribuíram para seu reconhecimento, como o ano de 1982, em que a revista *Time* elegeu o computador como “Homem do ano”, assim como o ano de 1985, quando a American Philosophical Association criou o Comitê em Filosofia e Computadores e também foi lançada a edição especial da revista *Metaphilosophy*, intitulada *Computadores e Ética*. Porém, Floridi (2002) acaba ressaltando que o marco histórico para a consolidação da Filosofia da Informação foi a publicação, em 1998, da coleção de ensaios escritos por Terrell Ward Bynum e James H. Moor, no livro intitulado *The Phoenix Digital*, no qual são relatadas as questões computacionais que estão modificando a Filosofia, reconhecendo a Filosofia da Informação como uma nova força no horizonte filosófico. (FLORIDI, 2002).

Segundo Floridi (2002), a Filosofia da Informação trabalha em três tipos de domínios: o dos tópicos que lidam com **fatos, dados, problemas, fenômenos e observações**; o dos **métodos**, que consistem nas técnicas e abordagens e o das **teorias**, que são as hipóteses e explicações científicas. (FLORIDI, 2002). Outro tema importantíssimo para a

Filosofia da Informação é o da reflexão acerca da **natureza conceitual da informação**. Dessa maneira, pode-se afirmar que a Filosofia da Informação é um “[...] campo filosófico preocupado com [...] a investigação crítica da natureza conceitual e os princípios básicos da informação, incluído a sua dinâmica, utilização e ciências [...]” (FLORIDI, 2002, p.137, tradução nossa).<sup>1</sup>

O conceito de informação é um tema central na Filosofia da Informação, sendo constantemente tratado nos textos de Floridi, nos quais este afirma ser a informação “[...] um conceito tão poderoso que, como um *explicandum*, pode ser associado a várias explicações, dependendo do conjunto de requisitos e pormenores desejados que orientam uma teoria.” (FLORIDI, 2002, p.43, tradução nossa).<sup>2</sup> O conceito de informação, na acepção de Floridi (2002), é filosoficamente tão importante quanto os conceitos de “ser”, “conhecimento”, “vida” entre outros.

Por esta razão, este é um objeto central da Filosofia da Informação, que se caracteriza como o estudo crítico da natureza e dos princípios conceituais da informação, considerando suas diversas abordagens teóricas. Esta não tem como objetivo a criação de uma teoria unificada acerca da definição de informação, mas integrar as diversas linhas teóricas que visam analisar, explicar e avaliar os vários princípios e conceitos de informação. Esta característica da Filosofia da Informação de procurar analisar o fenômeno da informação em diversas perspectivas integradoras é o grande diferencial em termos da sua abordagem teórica.

Para trabalhar nesta perspectiva, a Filosofia da Informação também estabelece duas questões norteadoras a serem respondidas pelos estudos: Onde está a informação? No mundo ou na mente das pessoas? Segundo Floridi (2010), não há sentido no debate entre internalistas e externalistas, considerando-o reducionista, já que a contribuição da Filosofia da Informação é a de buscar a eliminação de antigas dicotomias, como a de que procura localizar a informação como um objeto no mundo (o que poderíamos entender como físico) ou na mente das pessoas (o que poderíamos compreender como mentalista). Floridi (2010, p.42) afirma que “[...] a informação semântica em geral é uma dessas ‘coisas bidimensionais’ que não estão nem aqui nem lá, mas na interface entre nós e o ambiente, como um limiar ou limite entre os dois espaços.” Sendo assim, Floridi busca relacionar a informação entre o homem e o mundo, se posicionando contra essa oposição reducionista e fechada. Percebe-se que, além de ter enfrentado os desafios de compreender os aspectos internos (ligados às questões teóricas internas acerca da informação) e externos (problemas de reconhecimento e de fraco investimento das universidades em pesquisa na área), a Filosofia da Informação enfrenta o desafio de assumir uma posição acerca dos debates teóricos internos da Ciência da Informação, como também da própria Filosofia.

Além disso, por meio deste estudo, observou-se que a Filosofia da Informação se desenvolveu no contexto da “sociedade da informação”, tendo forte envolvimento com a revolução digital decorrente dos avanços das tecnologias da informação e

<sup>1</sup> Tradução livre de: “[...] the philosophical field concerned with [...] the critical investigation of the conceptual nature and basic principles of information, including its dynamics, utilisation, and sciences [...]”

<sup>2</sup> Tradução livre de: “Information is such a powerful concept that, as an *explicandum*, it can

be associated with several explanations, depending on the cluster of requirements and desiderata that orientate a theory.”

comunicação (TIC). O uso das TIC aumentou em escala exponencial e com isso emergiram novas questões, dentre as quais as de ordem ética, o que colocou os problemas éticos ligados a computação, informação e a tecnologia como focos de investigação para a Filosofia da Informação.

Por fim, após identificar e analisar as abordagens teóricas da Epistemologia Social e da Filosofia da Informação, tornou-se possível a identificação dos pontos considerados como de convergência e divergência.

## **5 EPISTEMOLOGIA SOCIAL E A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO: PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA**

Considerando-se a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação como duas correntes teóricas que se desenvolveram com o objetivo de fornecer fundamentos conceituais para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, já que tanto a Epistemologia Social quanto a Filosofia da Informação buscaram a superação da crise de identidade de ambas. Partindo-se, então, deste ponto em comum entre elas, buscou-se demonstrar neste estudo quais seriam os aspectos epistêmicos convergentes ou divergentes que pudessem contribuir para o avanço do estabelecimento das bases teóricas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nas seções anteriores alguns desses pontos temáticos já foram de algum modo apresentados, ainda que sem uma análise quanto às convergências e divergências entre as duas abordagens teóricas.

Na busca desses pontos de convergência e divergência foi possível observar alguns deles, já a partir da análise de um destaque feito por Floridi em um de seus textos, quando ele diz:

A filosofia da informação como fundamentação da BCI, trabalharia a

princípio com a ontologia dos ‘objetos’ da BCI, com uma teoria substancial da dinâmica da informação e uma abordagem ética da informação [...] **pode-se também admitir que elas caiam no escopo de qualquer abordagem da Epistemologia Social.** (FLORIDI, 2004, p.39, grifo nosso).

Neste texto de Floridi (2004) é possível localizar três dos oito pontos de convergência e divergência identificados entre a sua Filosofia da Informação e a Epistemologia Social de Jesse Shera, sendo denominados neste trabalho como: “abordagem ontológica” (a busca pela natureza do seu objeto de estudo), “dinâmica da informação” (processos de geração da informação) e “abordagem ética da informação e da tecnologia” (questões éticas relacionadas ao uso da informação e da tecnologia). Os outros quatro pontos analisados são: o “processo de comunicação” (ênfase no compartilhamento do conhecimento); a “visão histórica do pensamento humano” (a busca por fundamentos históricos); a “dinâmica do conhecimento” (os processos de geração do conhecimento); a “semântica” (preocupação com o conteúdo dos documentos, semantização dos dados, processos de significação da informação) e a “Biblioteconomia e Ciência da Informação preocupadas com o conhecimento”.

Na apresentação da Epistemologia Social foi possível destacar que esta enfatiza o processo da comunicação gráfica, analisando e apontando o papel da bibliografia na sociedade, em função de que coloca o compartilhamento do conhecimento como foco central, considerando o fluxo das unidades da comunicação gráfica que possibilitam a geração do conhecimento na sociedade. Essa preocupação fica mais clara na afirmação feita por Shera acerca do objetivo da Epistemologia Social: “O foco desta nova disciplina deve ser sobre a produção, fluxo, integração e consumo de todas as formas de comunicações,



pensando em todo o social” (1973, p.89, tradução nossa).<sup>3</sup>

Shera (1977) aponta dois grandes marcos no processo da comunicação humana, o primeiro foi quando as primeiras articulações vocais do homem se dissociaram dos seus atributos expressivos originais e passaram para os modelos simbólicos convencionais – surgimento da fala –, e o segundo quando o homem desenvolveu o registro gráfico, possibilitando, assim, que o compartilhamento transcendesse o espaço e o tempo. Dessa maneira, o homem estendeu sua capacidade de memória para além dos seus recursos naturais, como também o compartilhamento do conhecimento para além do contanto físico, pois através dos registros gráficos foi possível a expansão dos processos da transferência e preservação do conhecimento. Para Shera (1977), sem entender essas duas fases da comunicação humana, será praticamente impossível compreender o desenvolvimento da cultura na sociedade.

Esses aspectos tratados pela Epistemologia Social demonstram que ela também trata do “processo de comunicação”, da “dinâmica do conhecimento” e da própria “dinâmica da informação”, sendo que este último ponto pode ser considerado como incluso no escopo da Epistemologia Social, já que ao tratar da dimensão do conhecimento social, a Epistemologia Social acaba por tratar dos processos do fluxo informacional. A partir dessa análise em torno da Epistemologia Social, buscou-se também verificar a existência da abordagem desses pontos pela Filosofia da Informação, com o objetivo de identificar convergências e divergências entre as duas formulações.

Nesta perspectiva, constatou-se a existência de um ponto de divergência

entre a Filosofia da Informação e a Epistemologia Social em relação ao “processo de comunicação”. Embora não se possa afirmar que a Filosofia da Informação negligencie os processos de comunicação, pode-se afirmar que nos textos analisados ficou evidente o questionamento enfático de Floridi à valorização dada a esses processos por Shera na Epistemologia Social. Floridi (2010) ressalta, ao afirmar que não se pode baseá-lo na comunicação. Em outro texto Floridi (2002) realizou críticas à metodologia interdisciplinar da Epistemologia Social, considerando como um “processo de empréstimo” das abordagens das ciências da comunicação e ciências sociais, ponderando que, conforme Pierce (1992), esse empréstimo pode gerar uma espécie de “gueto intelectual”.

Para a Filosofia da Informação um dos seus principais objetivos é o estudo da “dinâmica da informação”, mas ao se observar os conteúdos abordados por ela neste ponto, pode-se concordar com Gonzalez de Gomez (2013), quando ela afirma que a Filosofia da Informação, ao focalizar a “dinâmica da informação”, acaba tratando de

[...] de dinâmicas plurais: 1) as que acontecem na constituição e modelização de ambientes de informação; 2) as próprias dos ciclos de vida da informação e 3) as específicas da computação, em seus dois sentidos, de processamento algorítmico e processamento da informação (FLORIDI apud GONSALEZ de GOMEZ, 2013, p.8).

Sendo assim, pode-se afirmar que a Filosofia da Informação e a Epistemologia Social a “dinâmica da informação” como um ponto de convergência, embora tenham divergências quanto à “dinâmica do conhecimento”. Essa divergência ocorre porque Floridi só concebe o conhecimento

<sup>3</sup> Tradução livre de: “The focus of this new discipline should be upon the production, flow, integration, and consumption of all forms of

communication thought throughout the entire social.”

como objeto de estudo da Epistemologia. Segundo Mostafa (2010), para Floridi a Biblioteconomia e a Ciência da Informação trabalham em um nível mais básico, já que seu objeto de estudo não é o conhecimento, e sim as fontes de informação que tornam o conhecimento possível, ressaltando que o conhecimento é objeto da Epistemologia, entendendo esta como uma vertente da Filosofia.

Por sua vez, a Epistemologia Social busca explicar os pressupostos epistemológicos na produção do conhecimento humano no diálogo com a ciência da comunicação, as ciências sociais, as ciências cognitivas e as ciências físicas, construindo uma interpretação em perspectivas interdisciplinares. Um foco importante para a Epistemologia Social é o homem e a sociedade em todas as suas formas de pensar, saber, sentir, agir e comunicar (SHERA, 1973). Dessa maneira, ela busca compreender a natureza da produção do conhecimento, levando em consideração que o homem, a sociedade e as bibliotecas, o que a coloca em ponto de convergência com a Filosofia da Informação na “abordagem ontológica”.

Pode-se considerar que a Filosofia da Informação focaliza a “abordagem ontológica” quando, embora com certa distinção, trata da natureza conceitual da informação e da sua dinâmica, ainda que não trate do conhecimento em si, como faz a Epistemologia Social.

Já a “abordagem ética da informação e da tecnologia” é claramente identificada na obra de Floridi, que trata como um dos pilares da Filosofia da Informação as questões éticas ligadas ao uso da informação e da tecnologia. Floridi trabalha com o conceito de “infosfera”, que pode ser entendido como o ambiente informacional onde ocorrem processos, interações e demais relações entre os agentes humanos, a informação e os suportes tecnológicos. Na Filosofia da Informação a ética da informação é vista em um âmbito metafísico, sendo uma etapa

para o desenvolvimento de uma ética para a ‘infosfera’. (FLORIDI, 2002). Para Floridi, todos os agentes envolvidos no processo da “infosfera” devem procurar contribuir para uma conexão harmônica e ética, ressaltando que a “Ética da informação resulta no processo de ampliar o conceito daquilo que deve ser a preocupação moral mínima, incluindo agora, cada entidade informacional.” (FLORIDI, 2010, p. 46).

Segundo Floridi (2010), é preciso avaliar as obrigações dos agentes morais em relação as suas contribuições para o desenvolvimento da “infosfera”, já que nesse ambiente podem ocorrer ações que geram benefícios ou prejuízos. Nos textos analisados, Floridi não explica como seria a avaliação desses agentes morais que atuam na “infosfera”, nem tampouco a atribuição de um valor moral aos objetos informacionais.

Na análise dos textos de Shera, a identificação do ponto categorizado como “abordagem ética da informação e da tecnologia” exigiu maior esforço de aproximação, já que a “ética da informação” ainda não era focalizada claramente nos estudos do seu contexto histórico. Assim, buscou-se nos textos de Shera identificar possíveis discussões relacionadas ao aspecto ético quanto ao uso da informação, da tecnologia e até da computação. O primeiro aspecto ético que figura na abordagem da Epistemologia Social é o da distinção apontada por Egan e Shera (1952) entre a comunicação de massa e a comunicação bibliográfica realizada pelas bibliotecas. Enquanto a primeira visa favorecer a indústria da cultura de massa e a comercialização de produtos, o segundo focaliza o compartilhamento da informação como um recurso fundamental ao desenvolvimento do conhecimento na sociedade.

Em outro texto, Shera (1973, p.91, tradução nossa) postula uma conduta prudente em relação a ciência, ao afirmar

que “A ciência pode destruir, bem como criar.”<sup>4</sup> O autor segue elencando uma série de problemas sociais que estavam em destaque na época da publicação do seu texto, sendo alguns ainda existentes na conjuntura atual, como o crescimento populacional descontrolado. Shera (1973) tece críticas a Guerra do Vietnã que, na sua visão, só estava desperdiçando recursos humanos e físicos, sendo responsável, também, por gerar uma degradação moral na população americana. A preocupação com o uso da ciência e com os conflitos sociais na sociedade contemporânea representam assuntos importantes no escopo temático da Epistemologia Social.

Outros problemas levantados por Shera (1973) podem ser relacionados à abordagem ética como a situação monetária internacional; os problemas relacionados à inflação; à crescente onda de crimes; às questões raciais; à destruição do meio ambiente; ao tráfico de drogas; ao afrouxamento dos laços familiares entre outros. Situando as bibliotecas nesse contexto complexo, no qual esses problemas representam um grande desafio social, Shera afirma que estas não possuem a chave para solucionar esses problemas, mas podem, ao proporcionar o uso correto dos seus recursos associados a outras agências de educação como a escola, contribuir para a criação de uma mentalidade mais esclarecida de jovens e adultos, tornando-os mais capazes de entenderem as complexidades de todas essas questões sociais. Desse modo, considerou-se ao abordar tais questões, a Epistemologia Social acaba também focalizando as questões éticas relacionadas à informação e à tecnologia.

Quanto ao desenvolvimento da tecnologia, Shera (1973) afirma que o homem cada vez mais pensa a respeito dos seus processos cognitivos e, sem dúvida, será capaz de criar mecanismos que

simulem esse “pensar”, o que envolve questões éticas de como o indivíduo e a humanidade coletivamente desenvolvem o conhecimento, destacando preocupações relacionadas ao perigo do controle do pensamento. Desse modo, observa-se na abordagem da Epistemologia Social focos voltados tanto ao processo de cognição social, quanto a um grande receio em relação ao uso inescrupuloso e sem ética desse conhecimento, no exercício do domínio social. Além disso, num foco mais contido ao uso da tecnologia no fazer biblioteconômico, Shera (1973) afirma que as máquinas apenas imitam o comportamento físico dos bibliotecários e nunca seus processos intelectuais. Segundo ele, a maior contribuição dos computadores para os bibliotecários consiste em que eles permitem uma redução do tempo nos fazeres mecânicos e ampliam o tempo para o exercício do pensamento crítico acerca de suas atividades de organização da informação.

Essa perspectiva de Shera é bem interessante, pois na literatura da área, sempre são relatadas as contribuições práticas que os computadores trouxeram às atividades biblioteconômicas, como o registro de circulação dos materiais, a maior rapidez na elaboração e atualização dos catálogos, o uso do MARC na padronização das atividades de representação da informação e, claro, a maior eficácia na recuperação da informação.

Shera já chamava atenção para o fato de que a tecnologia por si mesma não tem significado, assinalando que o seu sentido e direção se dará por parte do agente que a utiliza, assim como que a tecnologia precisa estar a serviço da humanidade e não a humanidade a serviço desta. (SHERA, 1977).

Assim, observando-se a “abordagem ética da informação e da tecnologia” na

---

<sup>4</sup>Tradução livre de: “Science can destroy as well as create.”

Epistemologia Social e na Filosofia da Informação, pode-se considerar este como um ponto de convergência, já que ambas demonstram ter preocupações com as questões éticas relacionadas ao uso da informação e da tecnologia.

Quanto à “visão histórica do pensamento humano” Shera (1977) procurou traçar a evolução histórica das bibliotecas, da Documentação, e da comunicação humana, considerando a biblioteca como uma invenção social que se desenvolveu com o objetivo de preservar os arquivos e documentos da cultura humana, ligados, principalmente, ao funcionamento do Estado e a transmissão das crenças religiosas. Shera (1973) destaca ainda que, a partir do Século XVIII, houve uma ampliação do papel da biblioteca no âmbito social, que passou a apoiar o sistema educacional. Ressaltou também que, ao longo do tempo, as bibliotecas foram crescendo em tamanho e atividades desenvolvidas, tornando-se uma organização cada vez mais complexa e a adoção e criação de novos padrões para o controle administrativo e atendimento dos usuários.

Por seu lado, Floridi não buscou analisar o percurso histórico das bibliotecas e suas contribuições para a sua Filosofia da Informação, o que provavelmente seja um reflexo da sua formação externa ao campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Enquanto Shera era formado em Biblioteconomia, tendo atuado como bibliotecário e pesquisador da área, Floridi é oriundo da Filosofia e da Ciência da Computação. Essa característica formadora do pensamento dos dois autores deve ter influenciado as abordagens específicas de cada um deles em suas teorias. Diferente de Shera, Floridi (2010, p. 41) buscou expor a importância “[...] de

se reinterpretar [os] vários episódios na história da filosofia à luz do novo paradigma informacional.” Para isso o autor investigou os fundamentos históricos da Filosofia da Informação, afirmando que seus temas “[...] são antigos, mas eles adquiriram suas principais características e tornam-se campos autônomos de investigação só muito tarde na história do pensamento.” (FLORIDI, 2010, p.43, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ao analisar as mudanças ocorridas no interior da própria Filosofia, Floridi (2002) procura salientar a importância de se empreender uma abordagem histórica da própria Filosofia da Informação, de modo que se possa traçar uma evolução diacrônica dos seus quadros técnicos e conceituais, facilitando a identificação de temas trabalhados na área antes da revolução digital.

Assim, mesmo que de perspectivas e modos diferenciados, os dois autores acabam trabalhando em uma “visão histórica do pensamento humano”, podendo-se considerar que, em certa medida, este seja um ponto de convergência entre a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação.

No que tange ao tratamento das questões ligadas à “semântica”, Shera (1977) baseado nos trabalhos do professor John Rader Platt (1959), também considerava a informação como a quinta necessidade do homem para a sua sobrevivência física (sendo as outras quatro: o ar, a água, a alimentação e o abrigo), compreendendo-a como uma constante vontade por novos estímulos, afirmando que “[...] o cérebro não somente pesquisa e processa as informações a ele telegrafadas pelos sentidos, mas também conclui.” (SHERA, 1977, p.9), sendo a informação é um insumo fundamental para o desenvolvimento cognitivo do homem.

---

<sup>5</sup> Tradução livre de: “Like PI, their subjects are old, but they have acquired their salient features and become autonomous fields of investigation only very late in the history of thought.”

Segundo Shera (1977), a capacidade do cérebro de fazer analogias através de uma linguagem metafórica é o que caracteriza a singularidade do cérebro humano e possibilita que este possa conceituar as experiências, bem como transmiti-las através de representações simbólicas. É possível notar que na visão de Shera o cérebro humano possui duas necessidades básicas: a de se “alimentar” por meio da informação e a de comunicação (que é dependente da transmissão através da linguagem). Para a Epistemologia Social conhecimento e linguagem são inseparáveis, sendo a linguagem a base da estruturação e da transmissão do conhecimento, portanto, a biblioteca e o bibliotecário encontram-se, nesse contexto, entre a linguagem e conhecimento.

A biblioteca tem como principal objetivo atender as necessidades informacionais dos indivíduos e, dessa forma, pode contribuir para a melhoria da sociedade. Nesta ótica, a biblioteca precisa não apenas conhecer os processos cognitivos dos indivíduos, como também todo o sistema de comunicação da sociedade. Esse processo de comunicação se dá através da transmissão de mensagens em uma rede de comunicação onde o bibliotecário tem um papel muito importante. (SHERA, 1973). Na perspectiva de Shera, as atribuições dos bibliotecários vão muito além das suas atividades de organizador do conhecimento, no seu fazer deve haver uma preocupação tanto com o conteúdo intelectual dos documentos, quanto com o impacto deste junto aos leitores e, conseqüentemente, na produção do conhecimento pela sociedade.

Shera (1973) acentua que a relação entre a palavra escrita nos documentos, sua leitura pelos olhos e a absorção pelo cérebro, assim como seus desdobramentos

na existência do indivíduo, tem sido estudada por neurologistas, fisiologistas e por profissionais da área da comunicação, no entanto, todos esses estudos ainda não tinham desvendado essa relação complexa. Segundo Shera tal complexidade “[...] relaciona-se com a natureza do conhecimento em si, do processo cognitivo e da linguagem e suas capacidades e limitações em comunicar a mensagem.” (SHERA, p.88, 1973, tradução nossa).<sup>6</sup> Essa discussão estabelecida por Shera permanece como um debate na área da Ciência da Informação, que ainda desenvolve estudos para maior compreensão do processo de significação da informação até a geração do conhecimento pelo indivíduo. Sendo que esta preocupação parece importante para Shera que afirma ser o estudo da cognição social um elemento central para a Epistemologia Social, já que acreditava estar nesse tipo de estudo as bases para a fundamentação científica da Biblioteconomia.

Em seus textos Shera também ressalta a importância do papel do bibliotecário em todo esse processo da cognição social, cuja meta é a da transformação do conhecimento individual em um conhecimento coletivo, destacando que isso envolve questões semânticas, cognitivas e sociais. Shera (1977) estabelece as relações entre Semântica Geral e Biblioteconomia afirmando que ambas são interdisciplinares, e se preocupam com a utilização da informação pelo sistema nervoso humano. Para ele, ambas estão relacionadas com a linguagem, simbolismo, abstração, conceituação, avaliação e possuem fundamentos epistemológicos.

Ao analisar o pensamento de Floridi em sua Filosofia da Informação, Gonzalez de Gomez (2013, p.6) identificou as relações da semântica com a Filosofia da

---

<sup>6</sup> Tradução livre de: “The problem relates to the nature of knowledge itself, of the cognitive process,

and of language and its capabilities and limitations in communicating the message.”

Informação, onde esta última se preocupa com questões relacionadas a como os dados adquirem significados; como esses dados significativos adquirem valor de verdade e como a informação pode explicar a verdade. Conforme Gonzalez de Gomez (2013), Floridi também trabalha com o conceito de informação-semântica. Na perspectiva da Filosofia da Informação de Floridi, a semântica envolve as relações entre informação, significado e verdade, sendo a vinculação “informação-semântica” condicionante da vinculação “informação-conhecimento”.

(GONZALEZ de GOMEZ, 2013, p.9). Desse modo, pode-se dizer que Filosofia da Informação tanto se preocupa com as questões de significação dos dados, quanto propõe novos *insights* conceituais para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, podendo-se considerar que a abordagem das semânticas configura-se como um ponto de convergência entre Epistemologia Social e a Filosofia da Informação.

O tratamento dado à Biblioteconomia e à Ciência da Informação enquanto áreas “preocupadas com o conhecimento”, também se verificou a existência de conflitos entre a Filosofia da Informação e a Epistemologia Social, em especial no enfoque das relações entre informação e conhecimento. Enquanto a Epistemologia Social apresenta grande preocupação com a produção do conhecimento pela sociedade, procurando demonstrar a integração dos indivíduos, das bibliotecas, dos bibliotecários e da informação em todo esse processo de produção e compartilhamento do conhecimento, a Filosofia da Informação considera essa abordagem generalista.

Para Floridi (2002p.40, tradução nossa)<sup>7</sup> Shera entendia a Biblioteconomia e Ciência da Informação como “[...] a filosofia da filosofia do conhecimento [...] uma espécie de epistemologia aplicada do conhecimento social.”, considerando que Shera interpretou essa questão numa perspectiva generalista do conhecimento. Neste sentido, Floridi ressaltou que a

[...] BCI diz respeito a uma maior variedade de fontes, de livros infantis a antigos mapas astrológicos, a partir de registros digitais de escritório para vídeos de desporto. Essas diferenças de finalidade e âmbito escapou da análise de Shera, talvez por causa do significado muito geral que ele atribuía ao conceito de ‘conhecimento’ em seus ensaios mais teóricos. (FLORIDI,2002, p.40, tradução nossa).<sup>8</sup>

Na visão de Floridi, a questão do “conhecimento” não estaria no escopo da BCI e para fundamentar sua afirmação de que o foco da Biblioteconomia e Ciência da Informação é o das fontes de informação que geram o conhecimento, e não o conhecimento em si mesmo, Floridi traz uma definição de Biblioteconomia do ALA GLOSSARY (1992) e outra de Ciência da Informação por Borko (1968), nas quais se destaca a preocupação com a informação.

Em síntese, pode-se afirmar que os pontos de possível convergência e divergência entre a Epistemologia Social de Shera e a Filosofia da Informação de Floridi identificados foram: a “abordagem ontológica”, a “abordagem ética da informação e da tecnologia”, a “dinâmica da informação”, a “visão histórica do pensamento humano” e a questão “semântica”, conforme demonstra o Quadro 1.

<sup>7</sup> Tradução livre de: “According to Shera, theoretical LIS should address the philosophy of the philosophy of knowledge and become a sort of applied epistemology of social knowledge.”

<sup>8</sup> Tradução livre de: “[...] LIS concerns a much wider variety of sources, from children’s books to

ancient astrological maps, from digital office records to sport videos. Such differences in aim and scope escaped Shera’s analysis, perhaps because of the two general meaning he attached to the concept of ‘knowledge’ in his most theoretical essays.”

Quadro 1 - Possíveis pontos teóricos convergentes entre as abordagens da ES e FI

EPISTEMOLOGIA SOCIAL	POSSÍVEIS PONTOS TEÓRICOS CONVERGENTES	FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO
Preocupação com o uso da ciência para outros fins; com os conflitos sociais; com o controle social e com o uso da tecnologia sem reflexão.	Abordagem ética da informação e tecnologia	Conceito de <i>Infosfera</i> - ambiente onde ocorre processos, interações e relações entre os agentes morais. Todos esses processos precisam ser de maneira harmoniosa.
Busca a natureza da produção do conhecimento na sociedade.	Abordagem ontológica	Busca a natureza conceitual da informação.
Preocupação com fluxo, integração e consumo de todas as formas de comunicação.	Dinâmica da informação	Preocupação com geração e fluxo da informação na sociedade.
Análise do registro gráfico na produção do conhecimento humano e também do percurso histórico das bibliotecas.	Visão histórica do pensamento humano	Busca reinterpretar os episódios históricos à luz do paradigma informacional, bem como analisar na filosofia através de uma abordagem diacrônica problemas relacionados a FI.
Preocupação com conteúdo dos documentos e seus impactos nos leitores bem como os processos cognitivos.	Semântica	Trabalha com o conceito de informação-semântica; preocupação com a semantização dos dados e também afirma ter um vocabulário conceitual capaz de prover novos <i>insights</i> para a BCI.

Fonte: Elaboração dos autores.

Quanto aos pontos de divergência, foi possível verificar a existência de abordagens específicas e distintas entre a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação ao tratarem do “processo de comunicação”, da “dinâmica do conhecimento” e sobre a “Biblioteconomia e Ciência da Informação preocupadas com o conhecimento”. Ainda que a mera identificação desses possíveis pontos de convergência e divergência seja insuficiente para se fazer afirmações quanto a uma dialogia entre elas, acredita-se que os pontos identificados poderão subsidiar futuros estudos.

## 6 CONCLUSÕES

Após a identificação dos pontos de convergência e divergência entre a Epistemologia Social de Shera e a

Filosofia da Informação de Floridi, foi possível traçar alguns caminhos para a construção de um possível espaço dialógico que contribua para a expansão da fundamentação teórica da Biblioteconomia e Ciência da Informação, objetivo que tanto a Epistemologia Social quanto a Filosofia da Informação visam alcançar.

As duas abordagens teóricas trazem importantes contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda que apresentem pontos divergentes de interpretação. A Epistemologia Social e a Filosofia da Informação revelam ter mais pontos convergentes em suas preocupações do que divergentes, mesmo que estes sejam trabalhados de maneira singular por cada uma delas. Ainda que a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação tratem esses pontos convergentes com contornos diferentes,

pode-se concluir que estes são “espaços” relevantes para um debate articulado das proposições das duas teorias, visando a expansão e o fortalecimento das bases teóricas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Assim, acredita-se que este estudo poderá subsidiar novas pesquisas acerca da dialogicidade teórica entre a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação. Estudos estendidos, envolvendo todo o universo de textos publicados por Shera e Floridi, podem ser realizados com o objetivo de se identificar novos caminhos de aproximação entre os pontos que se classificaram como divergentes, buscando-se analisar a

possível existência de novas variáveis convergentes.

Quanto aos pontos compreendidos como convergentes, constatou-se que cada autor trabalha em perspectivas singulares, tendo a convergência sido considerada a partir da existência de abordagens dos mesmos aspectos, com certa aproximação. Assim, acredita-se que em relação a eles, novos estudos podem aprofundar a análise realizada neste estudo, na busca da elaboração de uma síntese integradora entre as abordagens da Epistemologia Social e da Filosofia da Informação, contribuindo mais diretamente para a expansão e o fortalecimento das bases teóricas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

***SOCIAL EPISTEMOLOGY AND INFORMATION PHILOSOPHY: A POSSIBLE  
DIALOGUE BETWEEN JESSE SHERA AND LUCIANO FLORIDI***

***Abstract***

*This study aimed to identify and analyze the points of convergence and divergence between Jesse Shera Social Epistemology and the Philosophy of Information by Luciano Floridi, that in future research can be unified in order to provide an expansion of the theoretical foundation of Library and Information Science. The research is characterized as descriptive, with the adoption of bibliographical method and study of texts selected by the authors was used technical analysis content. The results of this study were categorized eight theoretical points, it was identified five points that considered convergence that are "ontological approach", "ethical approach to information and technology", "Dynamics of information", "Vision history of human thought "and" Semantics "and three points of divergence as" communication process ", " dynamics of knowledge "and" Library and Information Science concerned with knowledge. " With this basis, we reached the conclusion that the two theories work with points that enhance the dialogue goes both, and this dialogue an input to the scientific development of Library and Information Science.*

***Keywords:*** *Social Epistemology. Philosophy of information. Theoretical Foundations - Librarianship and Information Science*



REFERÊNCIAS

EGAN, Margaret. E.; SHERA, J.H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, [S.l.], v.22, p.125-137, apr.1952.

FLORIDI, Luciano. On defining library and information science as applied philosophy of information. **Social Epistemology**, v. 16, n. 1, p. 37-49, 2002. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/loi/tsep20#.V0CyYLgrLIU>> Acesso em: 20 jan.2016

FLORIDI, Luciano. What is the philosophy of information? **Metaphilosophy**, v. 33, n. 1-2, p. 123-145, 2002. Disponível em <[http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1467-9973](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1467-9973)> Acesso em: 20 jan.2016.

FLORIDI, Luciano. Biblioteconomia e ciência da informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 37-47, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/>> Acesso em 16 jan. 29 jan.2016

GONZALEZ de GOMEZ, Maria. N.Luciano Floridi e os problemas filosóficos da informação: da representação à modelização. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 3-25, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/>> Acesso em 16 jan. 29 jan.2016.

MOSTAFA, Solange. Epistemologia ou Filosofia da Ciência da Informação? **Informação & sociedade**. Est., João Pessoa, v. 20, n.3 p. 65-73, set.

/dez.2010.Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>> Acesso em: 25 jan.2016

SHERA, Jesse. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.87-97, 1973. Disponível em:<<http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/revista-ciencia-da-informacao>> Acesso em: 13 jan.2016.

SHERA, Jesse H., EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da biblioteconomia e documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.p. 15-64.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. Tradução de Maria Esther de Araújo Coutinho. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, jan.-jun. 1977. Disponível em:<<http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/revista-ciencia-da-informacao>> Acesso em: 13 jan.2016.